

## **O objeto, a Casa Museu e sua herança cultural**

The object, the historic house museum and its cultural heritage

Rosaelena Scarpeline<sup>1</sup>

### **Resumo:**

O presente artigo tem como objetivo discutir a ressignificação da casa e dos seus objetos para transformá-la de casa morada em casa museu. Nesse contexto, o objeto é apresentado como instrumento capaz de fornecer informações que contribuirão para o entendimento da sociedade em que ele está inserido. O objeto também traz uma compreensão sobre as tradições e gostos que nortearam a vida cotidiana dos personagens que os possuíram, em determinado espaço e tempo. Em uma Casa Museu, eles serão o elo de ligação da história social, familiar e do patrimônio edificado, e servirão como ponte entre o visível e o invisível.

**Palavras chaves** – Lugares de Memória; Objeto testemunha; Casa Museu

### **Abstract:**

This article aims to discuss the reframing of the house and its objects in order to transform it from home to museum. In this sense, the object is presented as an instrument capable of providing information that will contribute to the understanding of the society in which it is inserted. The object also brings an understanding of the traditions and tastes that guided the daily lives of the characters that possessed them, in a certain space and time. In a historic house museum, they will be the link between the social, family and built heritage, and will serve as a bridge between the visible and the invisible.

**Keywords** - Places of Memory; Witness object; Historic House Museum

---

<sup>1</sup> Doutora em História da Arte. IFCH-Unicamp. Email: rscarpeline@gmail.com

## 1. A casa, lugar de vida privada e memória

A vida privada acontece no espaço doméstico, familiar, que não é regido pelas leis e sim pelos costumes e tradições. Quando nos referimos à casa estamos definindo um espaço íntimo e privado, como um quarto, quanto a um espaço máximo e público, como um país, um estado ou uma cidade. Tratamos da casa sempre que necessitamos localizar um lugar de origem, lugar de formação e de identidade.

O espaço da casa contém a vida de seu proprietário e de seus familiares, pelo tempo longo ou curto de morada, quando construíram um espaço com usos e significados próprios. Abrange também as teias extra familiares composta por amigos, vizinhos, negócios e empregados. Seus hábitos culturais e intelectuais, alimentares e de higiene, religiosos e de lazer, formando um conjunto de relações que servem de ponte entre o público e o privado. Podemos dizer que a casa articula o privado e o público, de acordo com o tempo ou interesse de seu proprietário.

Para Gilberto Freyre, a casa e suas relações com a pessoa que a possui e as relações com o ambiente social, no qual está inserida, permite vários estudos interdisciplinares: antropológicos, históricos e sociológicos. Desta forma, podemos estudar o homem em seu universo particular examinando sua casa e os objetos que a compõem, tomando-a como ponto de partida para a compreensão da nossa história, sociedade e cultura, pois o brasileiro “...gosta da rua, mas a sombra da casa o acompanha...”.<sup>2</sup>

Perrot acredita que “o privado é uma experiência de nosso tempo”<sup>3</sup> e nesse mundo privado criamos cenários através da forma de ocupação dos espaços. As atividades desenvolvidas no interior de uma casa acontecem nesses cenários que não incluem apenas o edifício, mas todo o espaço ao seu redor, onde esses cenários são inventados e institucionalizados pelo homem. Eles são compostos de objetos, coisas e pessoas, cada qual carregando sua própria história, ligados pela teia familiar, articulando-se no cotidiano, com linguagens sociais e corporais próprias.

---

<sup>2</sup> “FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. São Paulo, SP: Global, 2004. p.36.

<sup>3</sup> PERROT, Michelle. Introdução. In: PERROT, Michelle et al. **História da vida privada, 4**: da Revolução francesa a primeira Guerra. São Paulo, SP: Cia. Das Letras, 1991. p. 9.

A forma como o homem se apropria desses espaços, criando os cenários com móveis, equipamentos e objetos, revelam sua visão de mundo, seus gostos, suas pequenas/grandes coleções, seu nível intelectual e suas relações políticas e sociais. Um olhar sobre sua vestimenta e seus adornos pessoais pode identificar seu comportamento entre o mundo social e o doméstico. Citando Perrot “As maneiras de comer, de se lavar, de amar – e portanto, de morar - se modificam de acordo com a autoconsciência que passa pela intimidade do corpo.”<sup>4</sup>

Assim, a maneira de morar revela o espírito de seu morador e o momento histórico no qual está inserido. Dentro da casa morada, rodeado pelos objetos e equipamentos do cotidiano de seu proprietário, podemos adquirir conhecimento sobre ele e suas práticas culturais e sociais.

A casa, espaço da vida privada, será o palco onde estão contidos os cenários, que possibilitarão o estudo da história do cotidiano. Pensando nela não nos prendemos somente aos aspectos materiais que a compõem, mas às ações que ali acontecem.

Para que essas ações aconteçam é necessário ter em mãos objetos, mobiliário, equipamentos que ajudam a realizar as tarefas cotidianas, dentro do universo de seus moradores. O objeto, no sentido mais amplo, adquire sentido, interagindo com o morador, com outros objetos, no cenário da história cotidiana. Para Bosi

“Quanto mais voltados ao uso do cotidiano, mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam”<sup>5</sup>.

Através da casa morada e dos objetos que a compõem podemos fazer vários estudos, construindo leituras no campo da história, da cultura material e imaterial e da história social. Vendo o objeto não como utilitário, de arte ou de adorno, mas compreendendo seus vários usos no interior da residência, seu significado para o proprietário, dentro de seu mundo privado.

Nesse sentido, o objeto cotidiano será capaz de atualizar as lembranças, estimulando a vivência, adquirindo sentido, desde que esteja devidamente ambientado no cenário de uma determinada época.

---

<sup>4</sup> PERROT, Michelle Op.cit. p.10

<sup>5</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo, SP: Edusp, 1987. p. 360.

A casa como um lugar de memória, se mantém como o local onde o morto está representado, corresponde à sua memória viva. Ali o tempo é permanente, o personagem pode ser lembrado e homenageado todas as vezes que se visitar o local. Um local onde não há necessidade de se ter saudades para lembrar, é necessário apenas o desejo de compartilhar a memória. A casa como memória é um elemento de ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos, lugar de interação e elaboração de conhecimento.

O presente artigo pretende fornecer informações que ajudem a entender a ressignificação da casa morada e dos seus objetos para transformá-la em casa museu.

A partir da comunicação silenciosa que existe dentro da casa, pretendemos estudar a reconstrução desse espaço doméstico e a transformação de objetos cotidianos em objetos testemunhos, que são eleitos para homenagear a vivência de um personagem histórico, transformando a própria casa residência em monumento histórico, em uma Casa Museu.

A Casa Museu é um lugar de memória, uma reconstituição do passado, um cenário montado através da história oficial e não oficial. É também o passado reformulado no presente, ressignificado, montado para dar veracidade à biografia do homenageado. Os critérios são pré-estabelecidos, selecionados a partir do “que se quer mostrar, o que se deve lembrar”, memória x esquecimento, com a finalidade específica de se criar novas memórias.

Através dos fragmentos escolhidos como testemunhas, objetos eleitos como representativos, procuramos descortinar no presente o passado, dando materialidade à memória. Com a Casa Museu usamos a memória construtivista para tecer os fios que ligaram a história, o personagem, o local e os acontecimentos, produzindo novos conhecimentos, atualizando o passado.

## **2.O objeto**

O homem, desde tempos remotos, reúne e conserva objetos ao seu redor como forma de conhecimento, domínio ou para deleite próprio, estabelecendo com eles uma

relação íntima, carregada de simbolismo e afeto<sup>6</sup>. Para Bordieu os objetos são formas simbólicas, instrumentos de conhecimento e construção de mundo.<sup>7</sup> Assim, o estudo do objeto fornecerá informações preciosas para o entendimento da sociedade em que ele está inserido, e a vida cotidiana, em determinado espaço e tempo.

Sabendo que os objetos se relacionam entre si, formando tipologias, e que se relacionam com o homem em seu ambiente, de maneira útil ou fútil formando cenários, é necessário estabelecer os relacionamentos entre os objetos e entender sua ambientação. Reconstruir um panorama do passado, que apoiado na história, fornecerá subsídios para a montagem de um cenário verossímil, passível de ser compreendido no tempo presente, levando o espectador a novos conhecimentos.

Segundo Camargo, o homem sem os objetos perde o status de humano, pois as ligações homem-objeto se confundem delimitando valores sócio-comportamentais. Essa ligação denuncia modos de vida e crenças, permitindo assim o estudo e reconstrução de perfis, tradições e culturas.<sup>8</sup> Desta forma, é possível afirmar que o objeto possui uma dimensão ética-estética, pois contém o gesto de quem o criou, confeccionou e operou. Sua simbologia reflete seu uso, atribuições e comunicação com o sujeito, estabelecendo relações com a experiência cultural de determinadas comunidades ou regiões.<sup>9</sup>

Um objeto sempre remete a alguém ou a algum lugar, sendo entendido aqui em um sentido amplo, como uma construção, um fragmento da natureza, uma obra de arte, um documento, um equipamento doméstico, etc. Mesmo pequenos objetos, sem valor econômico, podem possuir uma “aura”<sup>10</sup> complexa de afetividade e simbolismo, sendo capazes de trazer à memória lembranças de situações carregadas de emoções e

---

<sup>6</sup> SCARPELINE, Rosaelena. **Lugar de morada como lugar de memória**: a construção de uma casa museu, a Casa de Rui Barbosa-RJ. 2009. 382p. (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. p.121

<sup>7</sup> BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, RJ.: Bertrand do Brasil, 1998. p. 8

<sup>8</sup> CAMARGO, Adriane et al. **A psicologia dos objetos do dia a dia**. Disponível em: <[www.deps.ufs.br](http://www.deps.ufs.br)>. Acesso em: 22 maio 2006. p.2.

<sup>9</sup> SILVEIRA, Flavio L.A da; LIMA FILHO, M.F. Por uma antropologia do objeto documental: entre a alma nas coisas e a coisificação do objeto. In: **Horizonte Antropológico**, Porto alegre, v.11, n.23, jan./jun. 2005. p.2

<sup>10</sup> Segundo Pomian todo objeto contém em si uma aura que remete a um fato ou acontecimento anterior, e o colecionador ao tocá-lo tem um encontro com o passado, sente o despertar a memória afetiva. POMIAN, K. Coleção. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi**. Lisboa, PT: Imprensa Nacional, 1984. v.1

sutilezas estabelecendo vínculos com as pessoas e os lugares, que lutam contra o esquecimento.<sup>11</sup>

Assim, o objeto como parte da experiência do sujeito com o mundo, revela os vínculos das pessoas com os lugares, circula por imagens existentes no subconsciente do corpo social.<sup>12</sup> Ao vê-los estas memórias são despertadas, trazidas para o presente, re-situadas, criando laços com a memória coletiva e fortalecendo vínculos com seus lugares de pertença.

Podemos dizer que os objetos e as imagens mentais que desencadeiam, fazem parte de um sistema cultural, tornando-se um documento que nos leva a um complexo processo comunicativo de caráter subjetivo e objetivo. Enquanto subjetivo ele é responsável por detonar as memórias estimulando as reflexões; quando objetivo traz as características de sua forma, construção e funcionalidade - ambos produzem conhecimento.<sup>13</sup>

Em uma casa encontramos dois tipos de coleções de objetos: individuais, quando só tem sentido para seu proprietário; ou familiares, quando possuem significados compartilhados com os membros da família. Os objetos dessas coleções adquirem uma “aura” singular, são únicos, especiais, possuem relações de conhecimento e afeto. Carregam em si memórias e histórias que esperam para serem atualizadas. São objetos atemporais, testemunhas<sup>14</sup>.

Quando tais coleções grandes ou pequenas são transformadas em objeto testemunha, deixaram de fazer parte da história pessoal de seu proprietário para ser um bem cultural de uma comunidade, cidade ou nação. De acordo com Hartog<sup>15</sup>, atualmente há um interesse maior em se autenticar esses “patrimônios menores”, “história-memória”, instituídas por ações de comunidades regionais ou coletividades, preocupadas em preservar o patrimônio local. Esses patrimônios estão associados ao seu território e ao seu tempo social, passível de ser conservado e repassado para as

<sup>11</sup> SILVEIRA, Flavio L.A da; LIMA FILHO, M.F. Op. cit. p. 3

<sup>12</sup> SILVEIRA, Flavio L.A da; LIMA FILHO, M.F. Op. cit, p. 4

<sup>13</sup> SILVEIRA, Flavio L.A da; LIMA FILHO, M.F Op.cit. p. 6

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Andréia M., et. al.,As coleções como duração: o colecionador coleciona o quê? In: **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005. p.114

<sup>15</sup> HARTOG, François. Tempo e patrimônio. In: **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n.36, jul.-dez. 2006, p. 270.

próximas gerações. “O presente inquieto, em busca de raízes, obcecado com a memória”<sup>16</sup>

Em uma casa museu o objeto é visto como unidade de informação e passará por uma organização. No entanto, essa organização não deve ser baseada em seu suporte, pois cada unidade ganhará o status de objeto testemunha, em que seus atributos físicos serão acrescidos de valor, dignidade e respeito. Os objetos selecionados são representantes de uma época, de uma forma de vida e história que se espera retratar, incorporando assim a trajetória de seu proprietário. O que conta é o valor incalculável que ele possui, por acumular sentidos, cultura linear e acumulativa, armazenando o passado à luz do presente.

O objeto valorizado, preservado e conservado, será transformado em bem, patrimônio. Nós, enquanto recordadores<sup>17</sup>, temos a tarefa de contextualizá-lo e colocá-lo em uma ordem histórica, social e cultural visível e compreensível, proporcionando aos visitantes da Casa Museu um simulacro<sup>18</sup> do real.

### 3. Objetos testemunha

Como já mencionado, os objetos testemunha são exemplares únicos, lembrança de um passado histórico que não deve ser esquecido. Assinalam um local, um personagem ou um acontecimento de relevância para a história local ou nacional que deverá fazer parte da memória coletiva, passando de geração a geração.

Sabemos que a memória não está aprisionada nos objetos, porém, o objeto é um fragmento capaz de despertar lembranças, proporcionando a identificação entre objeto, memória e personagem. Os objetos testemunhas trazem vestígios que podem formar um todo, fornecendo novos rumos, proporcionando conhecimento e possibilitando estudos de um cotidiano sócio-histórico-cultural do passado.

A memória será usada como alavanca para sua ressignificação, pois sua exposição não ensina os modos como ele era utilizado nas atividades cotidianas, de

---

<sup>16</sup> Idem

<sup>17</sup> Estamos considerando como recordadores as pessoas envolvidas na montagem do cenário de uma casa museu, pois ele(s), juntamente com a comunidade embasados na história oficial e não oficial, nos depoimento de familiares e de ex-frequentes da casa morada, irão eleger os objetos testemunhas que serão usados para resignificar os espaços da casa, transformando-a em lugar de memória.

<sup>18</sup> Entendemos por simulacro um imaginário da representação, o espelho do ser e da aparência, do real e do seu concreto. BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa, PT: Relógio d'Água, 1991. p.8

uma determinada época ou local. É a bagagem afetiva, as tradições e as práticas de fazer, aliadas ao emprego da memória, que serão responsáveis por reconstruir sua utilização cotidiana.<sup>19</sup>

As maneiras de fazer estão registradas na memória do cotidiano de todos nós, no conjunto de normas e procedimentos que não foram escritos, na cultura estabelecida, tradição oral, formalidades da prática.<sup>20</sup> Essas lembranças das “coisas” são despertadas pela imagem do objeto testemunha, aliada à narrativa histórica e ao ambiente ressignificado, que se propõe a esclarecer os laços afetivos que o ligam a seu proprietário.

Para Pomian “nenhum objeto é ao mesmo tempo e para um mesmo observador uma “coisa” e um semióforo”<sup>21</sup>. Ele só é “coisa” quando é um objeto utilitário e passa a ser simbólico, semióforo quando perde suas funções originais e passa a ser um objeto de coleção, investido de significado.

Os objetos testemunhas trazem a marca do uso, marcas dos atos e processos das operações de que participaram, no dia a dia da casa morada. Essas marcas devem ser preservadas, pois representam o “modus operandi” do qual foram cúmplices, construindo assim a história do cotidiano. Segundo Braudrillard “...é o campo privado da habitação que reúne a quase totalidade de nossos objetos cotidianos”<sup>22</sup>. Assim, no ambiente de uma Casa Museu eles são de extrema importância, pois quanto mais marcas eles possuírem, mais representativos serão no momento de se reconstruir as táticas do cotidiano da casa morada.

A narrativa que acompanha o objeto irá provocar novos significados em quem vê ou ouve, criando relações com a memória cultural do visitante. Essa situação é especialmente válida quando o observador possui um conhecimento pré-adquirido da história do personagem homenageado ou do tempo sócio-cultural que se pretende significar, uma memória comum. Segundo Jerusa:

“A transformação do mundo dos objetos em mundo dos signos funda-se na pressuposição ontológica de que é possível fazer

<sup>19</sup> SCARPELINE, Rosaelena. Op.cit. p.152

<sup>20</sup>GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, Michael de, GIARD, Luce; MAYORL, Pierre. **A invenção do cotidiano: Morar e Cozinhar**. 6.ed. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2005. v.2. p.213.

<sup>21</sup> POMIAN, K. Op.cit.. p. 72.

<sup>22</sup> BAUDRILLARD, Jean. **O sistema de objetos**. São Paulo, SP.: Perspectivas, 2004. p. 73



réplicas: que a imagem refletida de uma coisa recorda-se de suas associações praticas”.<sup>23</sup>

Desse modo, às informações que acompanham o objeto e que repassam o conhecimento que se quer fixar, devem estar baseadas na história verossímil.

#### 4. O objeto e a arte de colecionar

Os objetos, quando colecionados, perdem as suas qualidades e funcionalidades, que são superadas pelas sensações que ele desperta no colecionador. Assim, a estética de uma coleção é produzida através das relações de afetos, percepções e vivências que o transpassam.<sup>24</sup>

O colecionar é um ato cultural que poderá ser decifrado por um observador no futuro, desde que seja recriado, mesmo que em parte, o contexto da elaboração da coleção por seu colecionador.<sup>25</sup> Isso porque a coleção reflete o momento cultural, social e temporal de onde e quando foi composta, há inserida nela uma memória coletiva.

O objeto colecionado, separado de suas funções originais, passa a ter uma íntima relação com o colecionador, criada por ele próprio. Uma relação histórica, com conexões intrínsecas entre a coisa e a pessoa, relações invisíveis, que são despertadas pela memória afetiva.<sup>26</sup> O colecionador mergulha no caos de sua coleção e ali reúne e recria o tempo e os afetos, tornando-se outro em si mesmo, absorvendo as memórias despertadas pelos objetos. Ele, através do objeto, atualiza suas lembranças, trazendo o passado para o presente.<sup>27</sup>

Sabemos que a memória necessita de âncoras que permitam a reavaliação da relação entre passado e presente. Neste caso, o objeto leva seu proprietário a viajar por lugares afetivos, míticos, históricos, religiosos e o ajudam a criar referências reforçando sua identidade. “Utilizamos-nos da língua e de outros sistemas de

<sup>23</sup> FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória**. São Paulo, SP.: Ateliê Editorial, 2003. p. 83.

<sup>24</sup> OLIVEIRA, Andréia M.et. al., Op. cit. p.117

<sup>25</sup> MENDONZA, Celina A.L. Por que hacemos colecciones? **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun., p. 217-28, 2005. p. 220

<sup>26</sup> PERRONE, Cláudia. M; ENGELMAN, Selda. O colecionador de memórias. In: **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005. p.83

<sup>27</sup> OLIVEIRA, Andréia M., et.al.. Op.cit. p.117

significação socialmente construídos para elaborar os significados, as representações que dão sentido à nossa existência.”<sup>28</sup>

Para o colecionador, sua linguagem reflete o visível e o invisível, o conhecimento, a afetividade e a ação refletida por ele. Assim, o objeto passa a ser simbólico, liga o símbolo (significante) ao significado (representação), conferindo-o uma dupla realidade, real e imaginária.

Segundo Pomian, podemos nos deparar com uma gama imensa de objetos dentro das coleções particulares e de instituições. Objetos muitas vezes inusitados, fascinantes, cuja única função é se oferecer ao olhar do espectador.<sup>29</sup> O colecionador arruma sua coleção de objetos para que ela esteja presente na sua ausência, para que ela simbolize sua personalidade, sua cultura, seu conhecimento, seu bom gosto e suas crenças. Esses objetos colecionados servirão de pontos de ligação entre mundos, indivíduos e tempos diferentes, serão transformados em bens culturais.

“Cada coleção é um teatro de memória, uma dramatização e uma mise-en-scène de passados pessoais e coletivos, de uma infância lembrada e da lembrança após a morte. Ela garante a presença dessas lembranças por meio dos objetos que as evocam.”<sup>30</sup>

Colecionar implica ordem, sistematização, conservação. Objetos, tirados de sua função, salvo de dispersões, ganham status de especiais de testemunhas, agregam sentimentos da pessoa que o selecionou e acumulou, memória de encontros, acasos e descobertas. A coleção pode ser também, um diário de viagens, sentimentos, estados da alma, da necessidade de pontuar o curso de nossa própria existência.<sup>31</sup> Podemos dizer que a arte de colecionar é uma arte-cartográfica que repousa sobre coisas salvas do esquecimento e lugares de passagem.

O colecionador rompe com o objeto enquanto mercadoria e o coloca em uma ordem íntima, afetiva, criada por ele próprio. Segundo Benjamin, ele ordena seus objetos criando um mundo e uma linguagem própria:

---

<sup>28</sup> **LINGUAGEM, identidade e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002. p. 8.

<sup>29</sup> POMIAN, K. Op. cit. p. 51

<sup>30</sup> BLON, Phillipp. **Ter e manter**: uma história íntima de colecionadores e coleções. São Paulo, SP: Record, 2003. ., p.219

<sup>31</sup> CLARA, Isabel Santa. Coleções. In: **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005, p.171.

“Para o colecionador o mundo está presente e, de fato, ordenado em cada um de seus objetos. Ordenado, sem dúvida, seguindo uma configuração surpreendente e, de fato, ininteligível para o profano. Este último é o ordenamento e a esquematização das coisas comumente aceitas, mais ou menos como a ordem em um glossário fraseológico.”<sup>32</sup>

Colecionar é diferente de acumular, pois a coleção exige afeto, significado. Os objetos colecionados conversam entre si, exemplos do que foram um dia, possuem significado enquanto história pessoal, cultural e/ou social. Preservados, tem seu valor real desprezado, o que lhes confere encanto é o fato de possuí-los e geralmente só disponibilizá-los aos olhos dos estranhos em ocasiões especiais.<sup>33</sup>

Colecionamos pequenas afirmações de nossos mundos pessoais, lembranças afetivas de vitórias ou derrotas, sonhos ou passagem de vida, objetos que são símbolos individualizados de gostos e personalidade, crenças ou preferências políticas, esportivas ou artísticas, com os quais mantemos laços afetivos. Objetos, algumas vezes, de gosto duvidoso que trazemos ou ganhamos, aguardando para servirem em algum momento de suporte para nossa memória individual.

Essas coleções, formadas ao acaso, apaixonam e se tornam grandes coleções representativas. Citando José Mindlin<sup>34</sup> “um dia plantei uma sementinha em forma de livro, dez anos após eu tinha uma árvore frondosa, passaram mais 20 anos, hoje possuo uma grande floresta”<sup>35</sup>.

Citamos também Robert Opie, um dos grandes colecionadores ingleses da atualidade, que admite que começou sua coleção por acaso e se viu totalmente inserido nela:

“De repente olhei para o pacote vazio e pensei “Se jogar isto fora, nunca mais o verei, e, no entanto, existe aí todo um tesouro de história. Veio-me à súbita percepção de que aquilo era algo que eu deveria guardar, e pensei no enorme pedaço de história social que eu ia jogar fora...”<sup>36</sup>

<sup>32</sup> BENJAMIN, Walter. Paris capital do séc. XIX: lê livre dès passages.. Apud: PERRONE, Cláudia. M.; ENGELMAN, Selda. Op. cit., p.87

<sup>33</sup> SCARPELINE, Rosaelena. Op.cit. p.125

<sup>34</sup> José Mindlin é considerado o maior bibliófilo de nosso país, sua Biblioteca é a maior biblioteca particular de manuscritos, livros e periódicos raros.

<sup>35</sup> KASSAB, Álvaro. Aos 93, José Mindlin celebra a “loucura Mansa” da leitura. In: **Jornal da Unicamp**, v.23, n. 371, 10-6 set. 2007. p.6

<sup>36</sup> Este trecho foi reproduzido por Philipp Blon e faz parte da entrevista com Robert Opie, em Elsner e Cardinal “Unless you do these crazy things”. BLON, Philipp. Op. cit. p. 188.

Hoje, possui em sua casa em Ealing, Londres e em um Museu em Gloucester, uma coleção de embalagens de alimentos e coisas efêmeras relacionados com o uso doméstico que ultrapassam a 500 mil ítems. Fragmentos de um tempo social, seu acervo é procurado para ambientação de filmes e peças de teatro de época.

Os objetos, que guardamos/juntamos ou colecionamos, possuem funções diversas, a saber:

- Objetos rituais – que nos acompanham sempre, carregamos sem nos dar conta de sua existência, objetos de devoção;
- Objetos testemunhas – que têm função de despertar em nós emoções de fatos vividos, nos trazem recordações de lugares visitados, fronteiras afetivas;
- Objetos recebidos – lembranças diversas, que guardamos como uma espécie de jogo ou um hobby.

O colecionador doméstico/amador não tem objetivos econômicos, ele é um fiel guardador, que será o transmissor dos códigos e tradições inseridos nela para as gerações futuras, pois esses objetos permaneceram estabilizados e preservados, como um tesouro pessoal.<sup>37</sup>

Para Benjamim o “flâneur e o colecionador” possuem um olhar de fascinação pelo mundo e, através desse olhar, multiplicam a sua experiência. Um objeto, em suas mãos é mágico, ele vê através dele.<sup>38</sup> A coleção mostra muito da personalidade de seu colecionador, sua casa, seu tesouro doméstico, sempre à mão, parte de sua intimidade.

Os objetos, testemunhas no presente do passado que se quer recordar, servem de apoio físico para detonar a memória afetiva de quem o coleciona. O colecionador espera que a coleção o perpetue enquanto memória coletiva, mas seu significado exato, sua representatividade, poucos se preocupam em registrá-la ou especificá-la.<sup>39</sup> O objeto, parte da coleção, passa a ser memória quando para de refletir só a matéria física “da coisa”, e passa a ser matéria fluída e afetiva.

Podemos destacar três tipos de colecionadores:<sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> ANCIÃES, Alfredo R.. Quando objectos de coleção falam das (tele)comunicações. In: **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005 , p.129

<sup>38</sup> PERRONE, Cláudia. M.; ENGELMAN, Selda. op. cit., p. 85

<sup>39</sup> MENDONZA, Celina A L. Op. cit., p.219

<sup>40</sup> ANCIÃES, Alfredo R. Op. cit., p. 130

- Guardadores – pessoas que, sem possuir o espírito do colecionismo, guardam objetos que adquiriram, ganharam ou herdaram apenas por gostar da peça ou com fins de preservação do patrimônio. Para eles o valor econômico conta, mas não é o único envolvido. Há também a memória afetiva e a preocupação com a herança cultural;
- Colecionador amador – pessoas que colecionam objetos testemunhas de um fato, época ou local. Preservam, organizam e valorizam seus objetos, sem o compromisso com sua divulgação. A herança cultural da coleção será repassada aos familiares ou a instituições de confiança, desde que haja o compromisso de manter a integridade e a arrumação feita por seu proprietário;
- Colecionadores institucionais – instituições que tem sob sua guarda objetos que receberam por doação ou compra. Têm como responsabilidade cuidar do patrimônio e transmitir os conhecimentos inseridos na coleção, documentando, descrevendo e divulgando, através de catálogos e exposições.

A partir do séc. XIV, possuir uma coleção era sinônimo de posse-poder-riqueza. As coleções se acumulavam nas igrejas e nos tesouros dos príncipes e eram abertas à visitação apenas em alguns dias no ano. Símbolo de poder e superioridade, seus detentores usavam-nas como um instrumento de dominação.<sup>41</sup>

Esse fato nos lembra a criação de algumas coleções particulares nos dias atuais, que refletem os conhecimentos científicos, históricos e artísticos de seus colecionadores, mas também evidenciam suas riquezas. Muitas vezes, essas coleções são alimentadas na clandestinidade “...ladrões profissionais de antiguidade, os quais abastecem um mercado milionário mantido por colecionadores, dispostos a pagar fortunas por peças raras, mesmo que jamais possam exibi-las publicamente<sup>42</sup>.”

Essas coleções privadas não são colocadas à disposição do grande público, permanecem fechadas, sendo admiradas apenas por seu colecionador e convidados. Algumas peças poderão ser emprestadas para compor exposições temáticas num curto

---

<sup>41</sup> Segundo Pomian, a aristocracia do período, a partir da segunda metade do século XIV, diante da expansão do pensamento humanista e da descoberta de novos conhecimentos, passaram a contratar artistas e estudiosos para desenvolver trabalhos artísticos e pesquisas de caráter científico sobre temas específicos, escolhidos por eles. Com isso pretendiam controlar aqueles que produziam arte e conhecimento, adquirindo suas obras e espécies, formando assim suas coleções de arte e naturalistas. POMIAN, K. Op. cit. p. 79

<sup>42</sup> AZEVEDO, Ana Lúcia. O genocídio cultural do Iraque: saques levaram parte da história da humanidade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19.abr.2003. p. 21.

período de tempo, porém a maior parte do tempo permanece trancadas, tesouros desconhecidos do mundo cultural.

Colecionar é, portanto, criar um mundo paralelo, composto de memórias, lembranças e afetividades. Um mundo onde prevalece a ordem, a classificação e a afeição. Nesse mundo, o colecionador transita solitário, num espaço dominado pela memória e imaginação. Ele sabe que por meio do objeto poderá preservar sua própria memória, que será representativa pelo conjunto de conhecimento e que será capaz de ser transmitida através das gerações, transformando-se, assim, em herança cultural.<sup>43</sup>

Essa herança cultural pode ou não se transformar em patrimônio a partir da morte de seu colecionador, pois não está isenta de receber novos usos e significados. Ao herdá-la, seu novo proprietário, seja particular ou institucional, irá interpretá-la a partir do presente e para o futuro, podendo dar a ela novos sentidos, passando a valorizá-la através de novos olhares, podendo inclusive descaracterizá-la e incorporá-la a outros bens culturais e patrimoniais.<sup>44</sup>

Assim, é necessária atenção no momento de selecionar e atribuir valores aos objetos encontrados em uma casa morada que vai se transformar em uma Casa Museu. Deve-se traçar um perfil de seu proprietário, da sua vida familiar, social, política e cultural baseado não só na história oficial, mas na história oral, documentos primários, depoimentos de amigos, familiares, empregados, fotografias, etc, para além de considerar apenas os objetos e coleções. Porque “...enquanto criadores de uma legitimidade patrimonial selectiva, os especialistas certificam o valor dos elementos culturais dignos de serem patrimonializados e o reconhecem como bem...”<sup>45</sup>

Desde que reconhecidos como bem, os objetos passam a integrar o patrimônio a ser preservado e divulgado. A história pessoal, transportada e transformada em informação, traçará percursos para a legitimação da história do personagem homenageado, mas também será parte da história local, regional ou nacional.

---

<sup>43</sup> SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia aplicada em Museus**. São Paulo, SP: Mackenzie, 2000. p. 17.

<sup>44</sup> SCARPELINE, Rosaelena. Op.cit. p. 131

<sup>45</sup> PEREIRO, Xerardo. Patrimônio cultural: o casamento entre patrimônio e cultura. **Actas do I Congresso Internacional de Etnografia**, Póvoa do Varzim, 20-1 maio.2005, p.23-41. p. 28.

## 5. A Casa Museu e o objeto testemunha

A casa museu é um lugar de memória que se mantém como local onde o personagem<sup>46</sup> está representado, através de um cenário montado. Com sua arquitetura, seus espaços, seus móveis e objetos, diz no visível suas invisíveis identidades, a identidade de seu proprietário e dos fragmentos do passado, símbolos de um determinado modo de vida. O mundo invisível que se quer visível, capturado através dos objetos e das imagens, tendo como mediador a narrativa que irá traduzir ao visitante a sua função, o seu lugar na história do cotidiano que se quer retratar.

Tomando emprestado da casa morada todos os elementos, a casa museu se propõe a reconstruir um cenário permanente, montado para dar veracidade à biografia de seu proprietário. Através da experiência de morar, mostrando aos visitantes o “jeito de viver” um determinado modo de vida, a Casa Museu dá materialidade à memória. Ali o tempo é permanente, o personagem pode ser lembrado e reverenciado todas as vezes que se visitar o local.

Sabemos que toda imagem possibilita várias interpretações, portanto, ainda é necessário construir a narrativa histórica para traduzir o cenário, com toda a sua extensão e complexidade. Para Bosi,

“...o corpo, interposto entre objetos que agem sobre ele e o influenciam através da percepção, é capaz, através da memória de misturar dados do presente com o passado, criando uma relação presente/passado interferindo no processo atual de representação, despertando nosso conhecimento subjetivo das coisas.”<sup>47</sup>

Para haver essa interação, passado x presente, é necessário que haja o reconhecimento, pois a rememoração só é possível quando estamos familiarizados com alguns dos elementos tradicionais e culturais que compõem o ambiente. Portanto, para que possamos lembrar, é necessário que o local, os objetos e o personagem sejam de alguma forma conhecidos, façam parte do meio cultural e social no qual estamos inseridos.

Um conjunto de objetos testemunhas exemplares de um passado que não se quer esquecer servirá de elo de ligação da história social e do patrimônio edificado.

---

<sup>46</sup> Usaremos personagem sempre que nos referimos ao proprietário de uma Casa Museu. Entendendo personagem como pessoa notável, eminente ou de destaque que foi homenageado, tendo sua casa morada transformada em Casa Museu.

<sup>47</sup> BOSI, Ecléa. Op.cit.. p. 361

Seu papel fundamental será criar e preservar os laços de pertencimento com as comunidades locais e regionais, através dos espaços históricos ali representados e que deverão fazer parte da memória coletiva, passado de geração a geração.

Esse espaço/tempo atualizado se valida no campo das recordações, da memória, está presente pela ausência de seu personagem, carregado de associações e composições. Em uma Casa Museu não se ambiciona representar algo concreto, mas buscar despertar situações vividas, experimentadas, provocadoras de vivência. A memória do ausente corresponderá à memória viva, não permitindo assim que o tempo apague sua presença na comunidade, pois sua casa morada se transformará em um documento monumento, digno de reconhecimento e preservação.

Desta forma, o objeto testemunha estará presente para narrar o tempo passado, fazer parte de um “retrato pessoal ou familiar” que se quer representado, ser indício cultural de uma comunidade ou de uma época. Para Baudrillard

“Na medida que se integra no sistema cultural atual, o objeto antigo vem, do fundo do passado, significar no presente a dimensão vazia do tempo. [...] O simples fato de que um objeto ter pertencido a alguém celebre, poderoso, confere-lhe valor, autenticidade.”<sup>48</sup>

A escolha de um objeto simbólico<sup>49</sup> deve ser feita baseada em fatos históricos, sociais e culturais, não pode ser feita aleatoriamente, pois só assim é possível criar laços com a história real. Isto não significa que ele precise ter ligações “fechadas” ou “transparentes” com a história real, mas com ela deve manter um diálogo, criando palavras novas e significantes para a sociedade em que está inserido.

A linguagem criada para significar o simbólico deve ser construída com o intuito de capturar o visitante, porém, tem que conter em si um teor de referência do real. O visitante vai se apoderar dela e construir novas relações, que vão se adequar ao objeto testemunha, inclusive possibilitando o questionamento da relação do símbolo com a história cultural e social ali representada.

O espaço social da casa morada, transformada em Casa Museu, procurará despertar no visitante a memória involuntária, usando como suporte os objetos testemunhas, aliados a cheiros, sons e imagens, ressignificando assim os espaços

<sup>48</sup> BAUDRILLARD, Jean. 2004. Op. cit. p.84

<sup>49</sup> Estamos considerando que todo objeto testemunha carrega em si valores simbólicos, significantes e representativos que criam um elo de ligação com a sociedade ou o grupo no qual está inserido.



encenados. Essas representações darão vida aos espaços, marcando suas funções e ordenando suas vivências. A história cotidiana do personagem e da sua família, ali representada, procuram despertar o encantamento, reforçando ou criando o mito de seu proprietário

Sabemos que ao selecionar e eleger objetos simbólicos e construir cenários representativos estamos, de certa forma, “servindo interesses de grupos ou ideias pré-estabelecidas”<sup>50</sup>. Isso porque esses instrumentos de conhecimento baseados em história e fatos sócio-culturais, partem da seleção e escolha temporal, porém, são recortes de uma realidade maior, um microcosmo produzido e legitimado por princípios de hierarquia. São escolhidos para ressaltar características que se quer lembrada, que se quer ressaltada, como parte da memória coletiva de um grupo, comunidade, cidade ou nação, produzindo ou reforçando um mito.

## 6. Considerações finais

Ao estudarmos uma casa morada podemos relacionar sua história, as práticas culturais e sociais, a cultura material e imaterial, através de seus móveis e objetos, e da vida cotidiana de quem ali morou, sua ideologia e suas crenças. Para Baudrillard

“Os móveis se contemplam, se oprimem, se enredam em uma unidade que é menos espacial do que moral [...] Neste espaço, cada móvel, cada cômodo por sua vez interioriza sua função e reveste-lhe a dignidade simbólica: completando a casa inteira a integração das relações pessoais no grupo semi-fechado da família”<sup>51</sup>

A transformação de uma casa morada em uma casa memória é feita através de sua representatividade e dos valores a ela atribuídos por uma comunidade. A revisitação de seus espaços precisa ter a capacidade de estabilizar o tempo, despertar emoções, relembrar situações da memória individual ou coletiva de uma família, organização, sociedade ou nação, pois o imaginário produz conhecimento e multiplica significados, através do processo associativo.<sup>52</sup>

<sup>50</sup> BORDIEU, Pierre. Op. cit, p. 12.

<sup>51</sup> BAUDRILLAD, Jean. 2004. Op. cit. p. 22

<sup>52</sup>FERRARA, Lucrecia d'Alessio. Cidade, imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 103.

O modo de lembrar é individual, tanto quanto social. O grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador vai trabalhando os objetos que servirão como detonadores dessas lembranças, individualizando a memória coletiva, ressignificando os espaços. Esse agente seleciona o que lembrar e como lembrar, criando os apoios da memória.

Ao fazermos novas perguntas sob o mesmo tema poderemos reviver as lembranças dos envolvidos nessa construção e descobrir novos aspectos de um personagem ou fato, criando novas interpretações no imaginário<sup>53</sup>. Sabemos que o passado é estático, não muda, porém, o presente é uma constante mudança, e cada mudança produz um novo olhar ao passado, recriando-o. Em uma Casa Museu os recordadores são meros observadores que tentaram, através de fragmentos e vestígios, construir um cotidiano de um mundo presumido, um simulacro.

A casa elemento de representação social, quando se transforma em Casa Museu, faz com que seja agregado a ela também o valor de patrimônio e de representação cultural. Passa a ser um monumento histórico, marco de uma identidade cultural, parte da memória coletiva de um local, cidade ou região, construindo um sentimento de pertencimento.

O prédio, o lugar histórico, o conjunto de objetos e as atividades e práticas sociais e culturais que ali aconteceram são bens culturais. Para serem reconhecidos e apropriados pela comunidade, devem ser identificados, classificados e exibidos e, relacionados a uma narrativa histórica. Desta maneira ganharão o status de bens simbólicos, apresentando novos significados em relação à sua materialidade arquitetônica e ao patrimônio móvel, que por sua vez são considerados monumentos. Como destaca Riegls o caráter de monumento é atribuído por nós, sujeitos modernos.<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> SOUZA, Célia Ferraz. Construindo o espaço de representação ou o urbanismo de representação. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op.cit.p.109.

<sup>54</sup> Riegls, 1987. Apud PEREIRO, Xerardo. Patrimônio cultural: o casamento entre patrimônio e cultura. **Actas do I Congresso Internacional de Etnografia**, Póvoa do Varzim, 20-1 maio.2005, p.23-41. p. 28.

## Referências

ANCIÃES, Alfredo R. Quando objectos de coleção falam das (tele)comunicações. In: **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. p.129-43, 2005.

AZEVEDO, Ana Lúcia. O genocídio cultural do Iraque: saques levaram parte da história da humanidade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19.abr.2003. p. 21

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema de objetos**. São Paulo, SP.: Perspectivas, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa, PT: Relógio d'Água, 1991

BLON, Phillipp. **Ter e manter**: uma história íntima de colecionadores e coleções. São Paulo, SP: Record, 2003

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, RJ.: Bertrand do Brasil, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo, SP: Edusp, 1987

CAMARGO, Adriane et al. **A psicologia dos objetos do dia a dia**. Disponível em: <[www.deps.ufs.br](http://www.deps.ufs.br)>. Acesso em: 22 maio 2006. 12p.

CERTEAU, Michael de, GIARD, Luce; MAYORL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: Morar e Cozinhar. 6.ed. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2005. v.2

CLARA, Isabel Santa. Coleções. In: **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. P.167-71, 2005.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória**. São Paulo, SP.: Ateliê Editorial, 2003

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. São Paulo, SP: Global, 2004.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. In: **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n.36, jul.-dez. p.261-72, 2006

KASSAB, Álvaro. Aos 93, José Mindlin celebra a “loucura Mansa” da leitura. In: **Jornal da Unicamp**, v.23, n. 371, 10-6 set. p. 6, 2007.

**LINGUAGEM, identidade e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002.

MENDONZA, Celina A.L. Por que hacemos colecciones? **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun., p. 217-28, p.217-28, 2005.

OLIVEIRA, Andréia M., et. al.,As coleções como duração: o colecionador coleciona o quê? In: **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. p.111-19, 2005.

PEREIRO, Xerardo. Patrimônio cultural: o casamento entre patrimônio e cultura. **Actas do I Congresso Internacional de Etnografia**, Póvoa do Varzim, 20-1 maio.2005, p.23-41. p. 28

PERRONE, Cláudia. M; ENGELMAN, Selda. O colecionador de memórias. In: **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun.p.83-92, 2005.

PERROT, Michelle et al. **História da vida privada, 4:** da Revolução francesa a primeira Guerra. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1991.

POMIAN, K. Coleção. In: **ENCICLOPÉDIA Eunaudi**. Lisboa, PT: Imprensa Nacional, 1984. v.1. p.3-15

RIEGL, Alois. Monumentos: valores atribuídos e sua evolução histórica. Revista Museo, v.1, n.1.p.17-23, 1989.

SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia aplicada em Museus**. São Paulo, SP: Mackenzie, 2000.

SCARPELINE, Rosaelena. **Lugar de morada como lugar de memória:** a construção de uma casa museu, a Casa de Rui Barbosa-RJ. 2009. 382p. (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

SILVEIRA, Flavio L.A da; LIMA FILHO, M.F. Por uma antropologia do objeto documental: entre a alma nas coisas e a coisificação do objeto. In: **Horizonte Antropológico**, Porto alegre, v.11, n.23, jan./jun. 2005.

SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens urbanas:** os diversos olhares na formação do imaginário. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.